

GABRIEL MITHÁ RIBEIRO

A REFORMA DAS REFORMAS

**A AUTORIDADE MORAL
SUPREMA DO PROFESSOR**

Entre Platão, Freud, Weber e a *Paideia*

gradiva

Índice

As 7 Virtudes da Autoridade Moral Suprema do Professor	11
Introdução	17
1. Platão e Kohlberg: Ascensão e Queda do Professor	43
A virtude do professor é seguir a razão eterna de Platão como bússola existencial	
1.1. Razão: a pedra angular do destino humano	44
1.2. Do milénio dos padres ao milénio dos professores	47
1.3. Autoterapia civilizacional: a força identitária dos professores	49
1.4. Platão: <i>alma mater</i> do ensino	55
1.5. Kohlberg: meio século de terror psíquico contra os professores	62
2. O Templo do Conhecimento	73
A virtude do professor é desinstalar o aluno e instalar o conhecimento no pináculo da instituição	
2.1. Tricotomia atemporal: conhecimento, professor e aluno	74
2.2. Democracia certa na escola errada	77
2.3. Pináculo da escola: desinstalar o aluno e instalar o conhecimento	81

3. Sociedade/Liberdade e Instituição/Autoridade	85
A virtude do professor é garantir a paz perpétua entre a autoridade da instituição e a liberdade da sociedade	
3.1. A paz perpétua nas mãos dos professores: a guerra autoridade/liberdade	86
3.2. Fazer regressar o método racional à sala de aula	91
3.3. Proteger crianças e adolescentes do desvio funcional depressivo da memória	97
3.4. Na sociedade manda a liberdade: o poder da cidadania	105
3.5. Na instituição manda a autoridade: o equívoco do professor	106
3.6. Colapso generalizado das instituições: a irracionalidade dos governantes	109
3.7. Trauma social da autoridade: o fardo dos professores	112
3.8. A derrota social do silêncio: Hirschman <i>versus</i> Kohlberg	117
3.9. A família educa e a escola ensina	123
4. Autorresponsabilidade e Externalização da Responsabilidade	127
A virtude do professor é formar seres humanos para a autorresponsabilidade	
4.1. Ato falhado freudiano: o horror do professor à moral	128
4.2. Dilema moral supremo: a prova de vida do professor	132
4.3. Autorresponsabilidade: a eterna expansão da consciência	136
4.4. Externalização da responsabilidade: a morte lenta da consciência	146
4.5. A autoridade moral suprema do professor	154
5. Solidariedade Desmoralizada	159
A virtude do professor é entregar a sala de aula ao princípio da realidade de Freud	
5.1. Indivíduo ou coletivo: a hierarquia da solidariedade	160
5.2. A guerra moral pela escola: da epifania de Kohlberg à escada de Peterson	162
5.3. Destruição em curso da solidariedade humana	170
5.4. Freud expulso da sala de aula: o descabro da saúde mental	175
5.5. Escola de parasitas sociais	179
5.6. Moral, solidariedade e reciprocidade: educar é uni-las	183

6. Coação Burocrática	187
A virtude do professor é impor a valorização da sua palavra para não ceder à coação burocrática e envelhecer com dignidade	
6.1. Reformar o Estado na fonte: a burocracia escolar	188
6.2. Caos existencial dos professores: dar democracia e receber ditadura	190
6.3. Conhece-te a ti mesmo: o inferno burocrático nas escolas	193
6.4. A violação da integridade psíquica dos professores	197
6.5. Racionalidade antiburocrática	201
6.6. Professor: o juiz da sala de aula	205
6.7. Examicídio: a fraude da avaliação escolar	216
6.8. A virtude racional-legal da autoridade da palavra do professor	225
7. Exaustão Escolar	239
A virtude do professor é salvar crianças e adolescentes da exaustão da escola-eucalipto	
7.1. De templos do conhecimento a depósitos de crianças	240
7.2. Torrar milhões: os anos loucos da escola a tempo inteiro	244
7.3. Desnorte humanitário: a exaustão escolar de crianças e adolescentes	247
7.4. Escola-eucalipto que seca a vida social	251
7.5. Universidades: o comércio escandaloso da razão humana	255
7.6. O mínimo moral-racional do professor universitário	258
Bibliografia	267

Ao decidir publicar *A Pedagogia da Avestruz* na sua prestigiada editora Gradiva, em 2003, Guilherme Valente acabaria por determinar o lugar existencial de onde não mais saí, o dever de dignificar o ensino. Descobri nele um pioneiro de tão nobre causa, e se os anos seguintes nos demonstraram que o caminho das pedras seria demasiado longo, homenagear a grandeza cívica de Guilherme Valente é também aprender com ele a passar o testemunho em livro da missão civilizacional dos que buscam defender a eterna razão humana.

As 7 Virtudes da Autoridade Moral Suprema do Professor

1. A virtude do professor é seguir a razão eterna de Platão como bússola existencial

Tal como no campo da fé a virtude do cristão é seguir as mensagens fundadoras de Cristo e da *Bíblia*, no campo da razão a virtude do professor é fazer dos princípios filosóficos fundadores de Platão (século IV a. C.) a sua bússola existencial, d'A *Alegoria da Caverna* atribuída pelo filósofo dos filósofos ao mestre dos mestres, Sócrates, o equivalente ao «Pai-nosso que estais no céu» da relação pedagógica entre professor e estudantes e da *Paideia*, livro de Werner Jaeger (1936), a âncora da formação de crianças, adolescentes e jovens pela lucidez da moral e razão humanas. Essa tradição ímpar, protetora da dignidade do professor há dois milénios e meio, anda a ser expulsa das salas de aula desde as décadas de 70 e 80 do século XX por Lawrence Kohlberg, psicólogo que fez da universidade o quartel-general da guerra contra Platão.

2. A virtude do professor é desinstalar o aluno e instalar o conhecimento no pináculo da instituição

O último meio século do dogma pedagógico do *ensino centrado no aluno* (ou *escola inclusiva*) desfez dúvidas de gerar consequências muitíssimo mais disfuncionais do que o anterior dogma pedagógico do *ensino centrado no professor*, dado ter exponenciado a intersubjetividade de atitudes e comportamentos. Por existirem muitos mais alunos do que professores, e cada pessoa ser irrepetível, o dogma é a fonte do atual caos comportamental, propício à reprodução social de personalidades narcísicas e, em sentido inverso, ao martírio social de personalidades empáticas, hoje a essência da condição de professor e dos alunos aos quais o ensino mais deve o que sobra da sua dignidade funcional. As instituições apenas garantem a sua missão com coesão, funcionalidade e qualidade quando todos os seus membros, antes de tudo o resto, se submetem ao valor universal mais elevado específico de cada instituição. Da escola à universidade, a submissão primordial de professores e estudantes é ao *conhecimento*, daí o dever de se desinstalar o *aluno* do pináculo para entregá-lo ao seu dono por direito próprio, o poder soberano da *razão*. Em tempos de desnorte do ensino, os sistemas sociais do mundo ocidental sobrevivem graças ao sentido de responsabilidade institucional preservado nas igrejas pela subjugação voluntária de todos os seus membros a *Deus* (não a vontades e vícios dos membros do clero ou dos fiéis), nos tribunais pela subjugação de todos os seus membros à *justiça* (antídoto contra o caos que seria se se orientassem por vontades e vícios de juízes, advogados ou réus) ou, mantendo o princípio, nos hospitais subjugados à *saúde*, forças policiais à *segurança*, forças armadas à *defesa*, clubes desportivos ao *espírito de competição*, entre outros exemplos. Apenas instituições de ensino que se assumam *templos do conhecimento*, com professores e alunos como *fiéis*, podem modelar as demais instituições na construção comum de *sociedades inteligentes* que se renovem a cada geração escolarizada.

3. A virtude do professor é garantir a paz perpétua entre a autoridade da instituição e a liberdade da sociedade

A autodefesa da autoridade dos professores nas salas de aula, pressuposto da sua dignidade e saúde mental, funciona como modelo de consciência cívica de autodefesa de uma multiplicidade de outras figuras institucionais, que também cumprem o dever fundamental de regular a vida quotidiana, não menos esvaziadas na sua autoridade, dignidade e saúde mental desde finais do século xx: pais, polícias, médicos, enfermeiros, funcionários de atendimento público, condutores de transportes públicos de passageiros, entre outras. A lucidez da moral e da razão humanas impõe que se libertem mentalmente os sujeitos do pavor irracional da *autoridade*, pelo que compete à formação escolar e universitária renovar a *cultura cívica* para que esta assegure a distinção cartesiana entre a *instituição*, o lugar primordial da autoridade, e a *sociedade*, o lugar primordial da liberdade. *Instituição* e *sociedade* existem para funcionar em tensão construtiva mútua, a forma de *autoridade* e *liberdade* não mais se destruírem uma à outra e passarem a buscar a paz perpétua. Professores conscientes dessa missão previnem e vencem crises civilizacionais, mesmo as mais profundas, como a atual resultante do cruzamento, no mundo ocidental, da falência simultânea de diversas instituições (família, ensino, justiça, saúde, segurança, entre outras) com o consequente descontrolo sem precedentes da crise de saúde mental.

4. A virtude do professor é formar seres humanos para a autorresponsabilidade

As sociedades escolarizadas delegam nos professores o poder supremo de determinar o sentido do destino coletivo, a formação moral dos indivíduos da infância à juventude. A missão apenas se cumpre quando cada professor resolve, no quotidiano da sala de aula, o dilema moral supremo e eterno da condição humana fixado na tensão entre a *autorresponsabilidade* (cada indivíduo aprender que é o primeiro e principal responsável pelo

Introdução

O *templo do conhecimento* é a criação mais genial da alma humana, nascida da Academia de Atenas, fundada por Platão no século IV a. C., *alma mater* de escolas e universidades que ensinou as sociedades a cumprirem o dever de formar as suas crianças e adolescentes pela clareza dos princípios da moral e da razão, hoje um direito humano universal. Em forma de memória coletiva que, por si mesma, foi selecionando e congregando pensadores notáveis ao longo de 2500 anos, o poder dessa tradição acabaria por colocar no pináculo do destino coletivo o que hoje designamos por *professor* ou *docente*, o nobre herdeiro do *filósofo*, *guardião* (do conhecimento), *mestre*, *educador*, *preceptor* ou *pedagogo*.

O mesmo correr dos séculos forçou o abandono e o trancar de portas de tão grandioso edifício, ousadia que partiu dos Estados Unidos da América (EUA), concretizada entre as décadas de 70 e 80 do século XX. A decisão foi dos então *novos pedagogos*, ao imporem que a busca do presente e do novo futuro passaria a significar desligar a sala de aula da sua própria memória civilizacional para, daí em diante, fazer dela um espaço de experiências

laboratoriais com professores e alunos sujeitos a intermináveis ensaios de engenharia social.

Entretanto, passou meio século e cada nova geração escolarizada persiste em dissipar dúvidas sobre a erosão, sem precedentes, do magnífico *templo do conhecimento platónico*. O fenómeno reflete-se na perda do sentido do destino coletivo que arrasta o descalabro das instituições, instabilidade social e política ou falhanço económico e o consequente descontrolo da crise de saúde mental, entre outras angústias. Nada surpreendente numa civilização em renúncia da sua memória civilizacional milenar para se extraviar numa espiral depressiva, mal em que tudo converge nas salas de aula do ensino básico e secundário às do ensino superior.

Admitindo que a predisposição para ser professor é inerente ao ser humano, o mundo ocidental ultrapassará uma das suas crises mais mentalmente caóticas, e por isso profundas, na medida em que os seus cidadãos desenvolvam a consciência comum do dever de reformar um ensino que perdeu o rumo. Importa considerar um conjunto de pressupostos designados, neste ensaio, pelas *7 virtudes da autoridade moral suprema do professor*. Tal ponto de partida exige, em simultâneo, um outro: a reabertura e o escancarar de pelo menos três portas do milenar *templo do conhecimento*: a *porta platónica* [indispensável ao regresso às salas de aula e, por essa via, à vida quotidiana das quatro virtudes humanas fundamentais – *sabedoria, coragem, temperança e justiça* –, assim como do amor ao conhecimento], a *porta freudiana* [reparadora de danos mentais propagados a partir de um ensino que se fez inimigo da *integridade psíquica* dos seres humanos] e a *porta weberiana* [indispensável à lucidez da razão humana].

Conjunto de pilares da reforma das reformas do século XXI, a *reforma do ensino* em tempos de escolarização massificada: fazer de cada sala de aula parte integrante do mesmo e único *templo do conhecimento* fundado por Platão. Tal missão

1.

Platão e Kohlberg: Ascensão e Queda do Professor

*A virtude do professor é seguir a razão
eterna de Platão como bússola existencial*

Pressuposto

Ser professor é gerir a existência na fronteira entre o seu ideal de vida, cujo fim último é tornar os estudantes seres humanos e cidadãos virtuosos, e a ancoragem desse ideal no quotidiano concreto de cada aula, vezes sem conta um choque emocional entre *ideal* e *real*.

Perguntas

Em sala de aula, como avaliar o retorno dos estudantes ao ideal de professor? As atitudes dos estudantes tendem para a empatia ou indiferença, receptividade ou rejeição, harmonia ou conflito? A *cultura cívica dos professores* e a *cultura cívica dos estudantes* é convergente ou divergente?

1.1. *Razão: a pedra angular do destino humano*

A *razão* é a faculdade que garante a certeza da existência humana, unindo, por excelência, professores e alunos. É impossível compreender o ensino – o espaço institucional da soberania da *razão* – dissociando-o do entendimento da complexidade da natureza humana, em concreto da pulsão inerente à mente de transitar do *caos* à *razão*¹⁴. Motivo para se recuar no tempo dos milénios, pois essa faculdade remonta à autoconsciência do sujeito de si mesmo. Num processo posterior, na origem da civilização do mundo ocidental, a conquista referida foi organizada em torno de duas dimensões: a autoconsciência da *fé* e a autoconsciência da *razão*. Com o correr dos séculos, a civilização em causa foi ampliando o seu espaço geográfico de existência (Europa, Américas e Oceânia), estabelecendo pontos de compromisso com as mais diversas civilizações com a quais se foi cruzando (islâmica, ameríndias, africanas, hindu, budista, aborígine, entre outras), mas sem que uma e outra sofressem alterações da sua natureza original.

Revelada no século XIII a. C. dos céus para a terra, por determinação divina a *fé humana* foi vivida nos séculos iniciais pela tradição hebraica, cujo percurso histórico teve lugar no próximo oriente: Suméria, Egito e Israel. Por seu lado, os gregos da Antiguidade foram pioneiros a elevar a *razão humana* da existência terrena ao abstrato universal, conquista que abriu caminho à *ciência*, e fizeram-no nos territórios do ponto de encontro indo-europeu, na sua *Hélade*, civilização que existiu entre os séculos IX-VIII e IV a. C.

Em tudo distintos, esses dois percursos geradores da nobreza do sentido da existência humana como hoje o conhecemos, apenas se iriam encontrar após mais de meio milénio

¹⁴ Cf. René Descartes [1637] (1977), *O discurso do método*, Lisboa, Publicações Europa-América.

de amadurecimento autônomo. Fizeram-no fora dos respectivos berços originais, posto que o ponto de congregação foi o historicamente posterior Império Romano (séculos I a. C.-V d. C.). Foi aí que a *fé hebraica*, entretanto transfigurada em *fé judaico-cristã*, em particular *fé cristã*, encontrou a *razão grega*. Esta, por seu lado, encontrou aquela quando tinha ganhado maturidade e resistência fora da terra-mãe, a civilização helênica entretanto caída em desgraça.

Portanto, o Império Romano acolheu ambas e, na sua fase final, Roma projetou Jerusalém e Atenas para os milênios vindouros. Com isso, a *fé cristã* e a *razão grega* não mais se separaram no mundo ocidental e, não menos, não mais pararam de se revitalizar. O atual século XXI d. C. representa apenas um ponto de passagem dessa caminhada sem fim pelo tempo e pelo espaço, que faz de cada ser humano herdeiro e doador no seu ciclo de vida.

Como se constata, foi apenas na *idade adulta* que aconteceu o casamento entre as partes, a origem propriamente dita do processo civilizacional do mundo ocidental. Neste, a *fé* e a *razão* nunca perderam as respectivas identidades autônomas trazidas do berço, pois cada qual sempre soube quem era, de onde vinha e para onde eternamente caminharia por si mesma. Tal complexidade conjugal gerou o mais digno e o mais poderoso de sempre olhar civilizacional, capaz de compreender e reinventar em permanência a defesa da condição humana, a marca singular milenar do mundo ocidental. Na substância, trata-se da fonte primordial da *separação de poderes* e da *autonomia entre diferentes instituições*, identidade que tem caracterizado esse universo civilizacional em toda a sua existência.

Nunca foi detalhe menor a *fé cristã* e a *razão grega* terem feito os respectivos percursos paralelos sem se resumirem a entidades vagas. Ambas penetraram a essência da alma humana, a ponto de se manterem eternamente presentes no *consciente* e no *inconsciente coletivo*, por se terem inserido na vida quotidiana